

Não é assim que acontece, antes disso houve todo um processo, em nível subconsciente, mas aconteceu.

P - Mas a minha pergunta é no sentido de quais as fontes inspiradoras, outros chargistas/cartunistas, enfim...

R - Bom, eu fui daquele tipo de piá que tem tendência pelo desenho. Mas, toda a criança gosta de desenhar. Duvido que alguém nunca tenha rabiscado na calçada com um pedaço de tijolo. É inato na criança, é um meio de expressão. Agora se vai continuar utilizando esse meio de expressão é outro departamento. Eu continuei. Além de curtir muito histórias em quadrinhos, na época, eu analisava os gibis, lia, relia, já tinha decorado as histórias, mas eu curtia os desenhos. Eram mais aqueles expressionistas, de bandido e mocinha, os desenhos dramatizados. Eu fui um aluno médio, no que se refere em aproveitamento, mas os meus cadernos eram fartamente ilustrados, eram bordados. Eu sempre me dei bem em aulas de desenho e optei pelo desenho e procurei um curso superior que pudesse ser continuidade dessa atividade. Na época existia o curso de Artes Gráficas, que se assemelhava ao que eu queria, mas, era mais ilustração publicitária. Depois eu fui ver que não era isso que eu queria e sim desenho de humor, que faço até hoje. Então realmente, os *comics* norte-americanos, na segunda metade da década de 50 e a década de 60, independente de serem de humor ou não foram a minha primeira literatura.

P - Que paralelo o senhor percebe entre o trabalho do desenhista, o chargista ou o cartunista fazia lá na década de 70 e o que se faz hoje?

R - A diferença começa pelo aspecto técnico de produção gráfica. Com o computador, o que nós fazíamos antes era inacreditável pela dificuldade. Se tu fizesses um desenho original com alguma imperfeição (não vamos entrar na questão do que é perfeito ou imperfeito) teria que refazer e assim por diante. Hoje é corrigido. Para aplicar uma cor no desenho, se aplicava uma aquarela, uma guache. Se não ficasse legal, teria que refazer tudo de novo. Hoje, tu experimentas no computador inúmeras cores, com matizes, tons e o que ficar mais do teu agrado, elege. Era artesanal, serviço de preso.

P - Não há uma questão saudosista de que era mais autêntico?

R - Isso é uma observação procedente. Com o computador, uniformizou a técnica, houve uma pasteurização. Sem dúvida o computador é uma máquina indispensável, deve-se usá-lo com muita economia. Mas eu acho que os resultados são parecidos,

usam os mesmos programas, os efeitos. Quando não existia o computador, cada um tinha seu estilo próprio e era mantido por força dessa individualidade. Por ser mais artesanal, me agrada muito hoje a imperfeição própria da natureza humana. É o que diferencia a máquina do homem. Se o computador fornece o desenho perfeito, o desenho artístico, artesanal, tem uma imperfeição própria e isso é agradável para mim hoje em dia. Eu curo isso a ponto de, se o meu desenho está muito duro, muito preciso, eu escolhambo. É enfeiar intencionalmente, provocar alguma imperfeição quando ela não é aparente e autêntica.

P - Um dos comentários que às vezes se faz é a questão do talento nato, e que você não adquire pelo estudo da técnica. Entretanto, o senhor foi muitos anos professor do curso de Desenho Industrial. Na sua avaliação, basta apenas ter o dom, ou um curso superior ajuda a melhorar o talento?

R - Com certeza, eu poderia responder somente com um sim. Mas eu vou mais adiante. Existe talento para diversos tipos de atividades. Para o desenho de humor também. Eu sou um exemplo de pessoa que tem essa inata facilidade, na capacidade de desenho. Mas, o aluno que tem dificuldade de desenhar, pode se tornar um bom desenhista, mas com muito mais trabalho e empenho, duas ou três vezes mais que o talentoso. Existe o talento, mas quem não o tem, pode desenhar, se realmente quiser, mas trabalhando mais.

P - Ele vai chegar ao nível dos que têm talento? Porque

tem pessoas que trabalham com ilustração e nunca passaram por uma faculdade.

R - São os autodidatas. O curso pode abreviar a trajetória do aperfeiçoamento do aluno com conhecimento teórico, experiência e o conhecimento do professor que orienta. Muito mais que o talentoso, aquele aluno que quer, mas tem dificuldade. Mas, para ambos é indispensável. Nós não podemos nivelar por cima o grau de dificuldade, nem por baixo, tem que ser médio. Então, tem aluno talentoso que não tem paciência e sai fora. Mas tem aquele outro que desconhece muita coisa a respeito da profissão, que é indispensável para ele conhecer.

P - Tem algum trabalho, alguma obra que tenha causado um maior impacto?

R - Se mede a contundência ou a importância de uma charge, pela repercussão e pela crítica que ela recebe. No período da repressão, o desenhista que não fosse intimado a depor, ameaçado de punição, suspenso ou coisa assim não era um sujeito engajado e sim alienado, que desenhava amenidades. Eu tive trabalhos censurados. Um bem interessante foi a capa do calendário escolar da universidade, que eu fiz durante anos. Na década de 80, uma capa falava sobre a pesquisa acadêmica dentro da universidade – as pessoas pensaram que eu fiz aquela capa contra a pesquisa, absolutamente não. A charge era o desenho de um professor com uma roda de carroça e dizia assim: 'Senhores, eis o resultado da nossa onerosa pesquisa'. Então, o que eu critiquei foram essas pesquisas que são plágio e chupam trabalhos alheios e por desconhecimento dos avaliadores, são tidas como originais. Eu usei como estereótipo, a redescoberta da roda. O

que aconteceu: eu nunca mais fiz capas. Nessa época eu era coordenador do curso, integrante do conselho universitário e numa reunião foi apresentado por um conselheiro professor da área das rurais, o calendário e disseram que a universidade não incentivava a pesquisa. Essa foi uma censura na universidade. Fora dela, durante o regime militar, tive trabalhos censurados e não publicados, porque havia uma censura interna editorial (prévia). A gente usava muita metáfora na época, que os censores não percebiam. Porque era uma coisa bastante intelectualizada, que exigia um grau de conhecimento e cultura maior e eles geralmente não tinham isso e passava despercebido. Eventualmente, quando a coisa era mais aparente, havia censura. Eu fui censurado. Até é um prêmio isso. Mas também quero destacar um fato pitoresco. Na década de 70, Juca Chaves se apresentava em Santa Maria, viu um desenho meu exposto na extinta boate 'Mirage' e quis me conhecer. Acabei fazendo uma caricatura dele. Passados mais ou menos 30 anos, em novo show em Santa Maria, no Hotel Itaimbé, Juca perguntou durante a apresentação se eu estava na platéia.

P - Como o sr. avalia a liberdade de expressão hoje, porque os veículos têm muita autocensura. Recentemente na Câmara de Vereadores tivemos uma polêmica de uma obra tratando da sexualidade.

R - Eu fiquei curioso, assim como muitas pessoas. Se for para a visita de crianças de escolas, tem que se ter um cuidado, embora o sexo seja uma coisa tão natural, tanto é que é por meio dele é que nós existimos. Mas, isso é pontual, atualmente a liberdade de expressão se não é total, é quase. Eu posso falar pelo nosso jornal, em que eu tenho dito algumas coisas com uma certa contundência sobre a igreja católica, com a visita do papa e teve uma repercussão e, pessoalmente, me disseram algumas coisas contrárias, de descontentamento. Mas é a minha opinião. Aqui no *Jornal da SEDUFSM*, também nunca tive nenhum tipo de censura, advertência ou sugestão. Na grande imprensa também não. Já fiz sobre o presidente Lula, sobre os corruptos, e está tudo às claras. O desenhista de humor precisa dizer as coisas sem precisar recorrer a metáforas. Nesse aspecto, a gente perde o cacoete de ser metafórico, mas, é preferível poder dizer as coisas que usar esses recursos.

“Se o desenho está muito certinho, eu escolhambo”

